

São João: filho de Zebedeu, teólogo, vidente

O Papa Bento XVI dedicou três catequeses ao Apóstolo João. Na primeira, procura ver o que se pode saber da sua vida. Depois, medita acerca do conteúdo central do seu Evangelho, das suas Cartas: a caridade, o amor. E por fim considera a figura do Vidente do Apocalipse.

23/08/2006

João, filho de Zebedeu

João, o teólogo

João, o vidente de Patmos

.....

João, filho de Zebedeu

Queridos irmãos e irmãs!

Dedicamos o encontro de hoje à recordação de outro membro muito importante do colégio apostólico: João, filho de Zebedeu e irmão de Tiago. O seu nome, tipicamente judaico, significa “o Senhor fez a graça”. Estava consertando as redes na margem do lago de Tiberíades, quando Jesus o chamou juntamente com o irmão (cf. *Mt* 4, 21; *Mc* 1, 19). João pertence também ao grupo restrito, que Jesus chama em determinadas ocasiões.

Está com Pedro e com Tiago quando Jesus, em Cafarnaum, entra em casa

de Pedro para curar a sua sogra (cf. *Mc* 1, 29); com os outros dois segue o Mestre na casa de Jairo, chefe da sinagoga, cuja filha será chamada à vida (cf. *Mc* 5, 37); segue-o quando ele sobe ao monte para ser transfigurado (cf. *Mc* 9, 2); está ao lado dele no Monte das Oliveiras quando, face à imponente do Templo de Jerusalém, pronuncia o sermão sobre o fim da cidade e do mundo (cf. *Mc* 13, 3); e, finalmente, está ao seu lado quando, no Horto do Getsêmani, se retira para rezar ao Pai antes da Paixão (cf. *Mc* 14, 33). Pouco antes da Páscoa, quando Jesus escolhe dois discípulos para enviar a preparar a sala para a Ceia, confia a ele e a Pedro esta tarefa (cf. *Lc* 22, 8).

Esta sua posição de relevo no grupo dos Doze torna de certa forma compreensível a iniciativa tomada um dia pela mãe: ela aproximou-se de Jesus para lhe pedir que os dois filhos, precisamente João e Tiago,

pudessem sentar-se um à sua direita e outro à sua esquerda no Reino (cf. *Mt 20, 20-21*). Como sabemos, Jesus respondeu fazendo por sua vez uma pergunta: pediu que eles estivessem dispostos a beber do cálice que ele mesmo estava para beber (cf. *Mt 20, 22*).

A intenção que estava por trás daquelas palavras era despertar os dois discípulos, introduzi-los no conhecimento do mistério da sua pessoa e de os fazer refletir sobre a futura chamada a ser suas testemunhas até à prova suprema do sangue.

De fato, pouco depois Jesus esclareceu que não veio para ser servido mas para servir e dar a própria vida em resgate pela multidão (cf. *Mt 20, 28*). Nos dias seguintes à ressurreição, encontramos “os filhos de Zebedeu” empenhados com Pedro e outros

discípulos numa noite infrutuosa, à qual se segue, pela intervenção do Ressuscitado, a pesca milagrosa: será “o discípulo que Jesus amava” quem reconhece primeiro “o Senhor” e quem o indica a Pedro (cf. *Jo* 21, 1-13).

Na Igreja de Jerusalém, João ocupou um lugar de realce na orientação do primeiro grupo de cristãos. De fato, estava incluído entre os que São Paulo chama as “colunas” daquela comunidade (cf. *Gl* 2, 9). Na realidade, nos Atos dos Apóstolos, Lucas apresenta-o juntamente com Pedro quando vão rezar no Templo (cf. *Act* 3, 1-4.11) ou estão diante do Sinédrio para testemunhar a própria fé em Jesus Cristo (cf. *Act* 4, 13.19). Juntamente com Pedro é enviado pela Igreja de Jerusalém para confirmar aos que na Samaria aceitaram o Evangelho, pregando sobre eles a fim de que recebam o Espírito Santo (cf. *Act* 8, 14-15).

Em particular, deve recordar-se o que afirma, juntamente com Pedro, diante do Sinédrio que os está a processar: “Quanto a nós, não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos” (*Act 4, 20*).

Precisamente esta franqueza ao confessar a própria fé permanece um exemplo e uma admoestação para todos nós a estarmos sempre prontos para declarar com determinação a nossa inabalável adesão a Cristo, antepondo a fé a qualquer cálculo ou interesse humano.

Segundo a tradição, João é “o discípulo predileto”, que no Quarto Evangelho apoia a cabeça no peito do Mestre durante a Última Ceia (cf. *Jo 13, 21*), encontra-se aos pés da Cruz juntamente com a Mãe de Jesus (cf. *Jo 19, 25*) e, por fim, é testemunha quer do túmulo vazio quer da própria presença do Ressuscitado (cf. *Jo 20, 2; 21, 7*).

Sabemos que esta identificação hoje é debatida pelos estudiosos, alguns dos quais veem nele simplesmente o protótipo do discípulo de Jesus.

Deixando aos exegetas a tarefa de resolver a questão, contentamo-nos com receber uma lição importante para a nossa vida: o Senhor deseja fazer de cada um de nós um discípulo que vive uma amizade pessoal com Ele. Para realizar isto não é suficiente segui-lo e ouvi-lo exteriormente; é preciso também viver com e como Ele.

Isto é possível apenas no contexto de uma relação de grande familiaridade, repleto do calor de uma total confiança; por isso um dia Jesus disse: “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos.... Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu Senhor. Eu vos chamo amigos, porque vos dei a conhecer

tudo o que ouvi de meu Pai” (Jo 15, 13.15).

Nos apócrifos *Atos de João*, o Apóstolo é apresentado não como fundador de Igrejas nem sequer como guia de comunidades já constituídas, mas em contínua itinerância como comunicador da fé no encontro com “almas capazes de ter esperança e de ser salvas” (18, 10; 10, 8). Tudo é movido pela intenção paradoxal de mostrar o invisível. De fato, ele é chamado pela Igreja oriental simplesmente “o Teólogo”, isto é, aquele que é capaz de falar das coisas divinas em termos acessíveis, revelando um arcano acesso a Deus mediante a adesão a Jesus.

O culto de João apóstolo afirmou-se a partir da cidade de Éfeso, onde, segundo uma antiga tradição, trabalhou por muito tempo, falecendo ali com uma idade extraordinariamente avançada, sob o

Imperador Trajano. Em Éfeso o imperador Justiniano, no século VI, mandou construir em sua honra uma grande basílica, da qual permanecem ainda imponentes ruínas.

Precisamente no Oriente ele gozou e goza ainda de grande veneração. Na iconografia bizantina é representado com frequência muito idoso; segundo a tradição morreu sob o imperador Trajano e em intensa contemplação, quase na atitude de quem convida ao silêncio.

De fato, sem adequado recolhimento não é possível aproximar-se do mistério supremo de Deus e da sua revelação. Isto explica porque, há anos, o Patriarca Ecumênico de Constantinopla, Atenágoras, aquele que o Papa Paulo VI abraçou num memorável encontro, afirmou: “João está na origem da nossa mais alta espiritualidade. Como ele, os ‘silenciosos’ conhecem aquele

misterioso intercâmbio dos corações, invocando a presença de João e o seu coração inflama-se” (O. Clément, *Diálogos com Atenágoras*, Turim 1972, p. 159). O Senhor nos ajude a pormo-nos na escola de João para aprender a grande lição do amor, de modo que nos sintamos amados por Cristo ‘até o fim’ (Jo 13, 1) e empreguemos a nossa vida por Ele.

João, o teólogo

Queridos irmãos e irmãs!

Antes das férias eu tinha começado a fazer pequenos retratos dos doze Apóstolos. Os Apóstolos eram companheiros de vida de Jesus, amigos de Jesus e este caminho deles com Jesus não era só um caminho exterior, da Galiléia a Jerusalém, mas um caminho interior no qual aprenderam a fé em Jesus Cristo, não

sem dificuldades porque eram homens como nós. Mas, precisamente por isto, porque eram companheiros de vida de Jesus, amigos de Jesus que num caminho não fácil aprenderam a fé, são também guias para nós, que nos ajudam a conhecer Jesus Cristo, a amá-lo e a ter fé n'Ele. Eu já tinha falado sobre quatro dos doze Apóstolos: de Simão Pedro, do seu irmão André, de Tiago, o irmão de São João, e do outro Tiago, chamado “o Menor”, que escreveu uma Carta que encontramos no Novo Testamento. E eu tinha começado a falar de João, o evangelista, mencionando na última audiência antes das férias os dados essenciais que traçam a fisionomia deste Apóstolo. Agora gostaria de concentrar a atenção sobre o conteúdo do seu ensinamento. Por conseguinte, os escritos dos quais hoje desejamos ocupar-nos são o

Evangelho e as Cartas que têm o seu nome.

Se existe um assunto característico que mais sobressai nos escritos de João, é o amor. Não foi por acaso que quis iniciar a minha primeira Carta encíclica com as palavras deste Apóstolo: “Deus é amor (*Deus caritas est*); quem está no amor habita em Deus e Deus habita nele” (1 Jo 4, 16). É muito difícil encontrar textos do gênero em outras religiões. Portanto, tais expressões põem-nos diante de um dado verdadeiramente peculiar do cristianismo. Certamente João não é o único autor das origens cristãs que fala do amor. Sendo este um elemento essencial do cristianismo, todos os escritores do Novo Testamento falam dele, mesmo que com acentuações diferentes. Se agora nos detemos a refletir sobre este tema em João, é porque ele nos traçou com insistência e de modo incisivo as suas linhas principais.

Portanto, confiemo-nos às suas palavras. Uma coisa é certa: ele não reflete de modo abstrato, filosófico, ou até teológico, sobre o que é o amor. Não, ele não é um teórico. De fato, o verdadeiro amor, por sua natureza, nunca é meramente especulativo, mas faz referência direta, concreta e verificável a pessoas reais. Pois bem, João, como apóstolo e amigo de Jesus mostra-nos quais são os componentes ou melhor as fases do amor cristão, um movimento caracterizado por três momentos.

O primeiro refere-se à própria Fonte do amor, que o Apóstolo coloca em Deus, chegando, como ouvimos, a afirmar que “Deus é amor” (*1 Jo 4, 8.16*). João é o único autor do Novo Testamento que nos dá uma espécie de definição de Deus. Ele diz, por exemplo, que “Deus é Espírito” (*Jo 4, 24*) ou que “Deus é luz” (*1 Jo 1, 5*). Aqui proclama com intuição

resplandecente que “Deus é amor”. Observe-se bem: não é simplesmente afirmado que “Deus ama”, nem sequer que “o amor é Deus”! Em outras palavras: João não se limita a descrever o agir divino, mas avança às suas raízes. Além disso, não pretende atribuir uma qualidade a um amor genérico e talvez impessoal; não se eleva do amor a Deus, mas dirige-se diretamente a Deus para definir a sua natureza com a dimensão infinita do amor. Com isto João deseja dizer que o constitutivo essencial de Deus é o amor e, portanto, toda a atividade de Deus nasce do amor e está orientada para o amor: tudo o que Deus faz é por amor, mesmo que nem sempre possamos compreender imediatamente que Ele é amor, o verdadeiro amor.

Mas, a este ponto é indispensável dar um passo em frente e esclarecer que Deus demonstrou concretamente o

seu amor entrando na história humana mediante a pessoa de Jesus Cristo, que encarnou, morreu e ressuscitou por nós. Este é o segundo momento constitutivo do amor de Deus. Ele não se limitou às declarações verbais, mas, podemos dizer, empenhou-se verdadeiramente e “pagou” em primeira pessoa. Como escreve precisamente João, “Tanto amou Deus o mundo (isto é: todos nós) que lhe entregou o seu Filho Unigênito” (*Jô* 3, 16). Agora, o amor de Deus pelos homens concretiza-se e manifesta-se no amor do próprio Jesus. João escreve ainda: Jesus “tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (*Jô* 13, 1). Em virtude deste amor oblato e total nós somos radicalmente resgatados do pecado, como escreve ainda São João: “Filhinhos meus... se alguém pecar, temos junto do Pai um advogado, Jesus Cristo, o Justo, pois Ele é a vítima que expia os nossos pecados, e não somente os nossos,

mas também os de todo o mundo” (1 Jo 2, 1-2; cf. 1 Jo 1, 7). Eis até onde chegou o amor de Jesus por nós: até à efusão do próprio sangue para a nossa salvação! O cristão, detendo-se em contemplação diante deste “excesso” de amor, não pode deixar de refletir sobre qual é a resposta obrigatória. E penso que sempre e de novo cada um de nós deve interrogar-se sobre isto.

Esta pergunta introduz-nos no terceiro momento da dinâmica do amor: de destinatários receptivos de um amor que nos precede e nos domina, somos chamados ao compromisso de uma resposta cativa, que para ser adequada só pode ser uma resposta de amor. João fala de um “mandamento”. De fato, ele refere estas palavras de Jesus: “Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros” (Jo 13, 34).

Onde está a novidade à qual Jesus se refere? Ela consiste no fato de que não se contenta de repetir o que já era exigido no Antigo Testamento e que lemos nos outros Evangelhos: “Ama o próximo como a ti mesmo” (*Lv* 19, 18; cf. *Mt* 22, 37-39; *Mc* 12, 29-31; *Lc* 10, 27). No antigo preceito o critério normativo era presumido a partir do homem (“como a ti mesmo”), enquanto que no preceito mencionado por João, Jesus apresenta como motivo e norma do nosso amor a sua própria pessoa: “Como Eu vos amei”. É assim que o amor se torna verdadeiramente cristão, levando em si a novidade do cristianismo: quer no sentido de que ele deve destinar-se a todos sem distinções, quer porque deve sobretudo chegar até às últimas consequências, tendo unicamente como medida chegar ao extremo. Aquelas palavras de Jesus, “como Eu vos amei”, convidam-nos e ao mesmo tempo preocupam-nos; são uma meta

cristológica que pode parecer inalcançável, mas são, ao mesmo tempo, um estímulo que não nos permite acomodar-nos no que podemos realizar. Não permite que nos contentemos com o que somos, mas estimula-nos a permanecer a caminho rumo a esta meta.

Aquele texto áureo de espiritualidade que é o pequeno livro do final da Idade Média intitulado *Imitação de Cristo* escreve a este propósito: “O nobre amor de Jesus estimula-nos a realizar coisas grandes e a desejar coisas sempre mais perfeitas. O amor quer estar no alto e não ser aprisionado por baixeza alguma. O amor quer ser livre e separado de qualquer afeto mundano... de fato, o amor nasceu de Deus, e só pode repousar em Deus acima de todas as coisas criadas. Quem ama voa, corre e rejubila, é livre, e nada o retém. Dá tudo a todos e tem tudo em todas as coisas, porque encontra repouso no

Único grande que está acima de todas as coisas, do qual brota e provém qualquer bem” (livro III, cap. 5). Qual melhor comentário do que o ‘mandamento novo’, enunciado por João? Pedimos ao Pai que o possamos viver, mesmo que sempre de modo imperfeito, tão intensamente que contagiemos a todos os que encontrarmos no nosso caminho.

João, o vidente de Patmos

Queridos irmãos e irmãs!

Na última catequese tínhamos chegado à meditação sobre a figura do Apóstolo João. Primeiro, tínhamos procurado ver quanto se pode saber da sua vida. Depois, numa segunda catequese, tínhamos meditado acerca do conteúdo central do seu Evangelho, das suas Cartas: a caridade, o amor. E hoje estamos

ainda empenhados com a figura de João, desta vez para meditar sobre o Vidente do Apocalipse. E fazemos imediatamente uma observação: enquanto nem o *Quarto Evangelho* nem as *Cartas* atribuídas ao Apóstolo trazem o seu nome, o Apocalipse faz referência ao nome de João por quatro vezes (cf. 1, 1.4.9; 22, 8). É evidente que o Autor, por um lado, não tinha motivo algum para não mencionar o próprio nome e, por outro, sabia que os seus primeiros leitores o podiam identificar claramente. Sabemos também que, já no século III, os estudiosos discutiam sobre a verdadeira identidade anagráfica do João do Apocalipse. Contudo, poderíamos também chamá-lo “o Vidente de Patmos”, porque a sua figura está ligada com o nome desta ilha do Mar Egeu, onde, segundo o seu próprio testemunho autobiográfico, ele se encontrava como deportado “por causa da palavra de Deus e do testemunho de

Jesus” (Ap 1, 9). Precisamente em Patmos, “no dia do Senhor, o espírito arrebatou-me” (Ap 1, 10), João teve visões grandiosas e ouviu mensagens extraordinárias, que influenciarão bastante a história da Igreja e toda a cultura cristã. Por exemplo, do título do seu livro *Apocalipse, Revelação* foram introduzidas na nossa linguagem as palavras “apocalipse, apocalíptico”, que recordam, embora de modo impróprio, a ideia de uma catástrofe iminente.

O livro deve ser compreendido no quadro da dramática experiência das sete Igrejas da Ásia (Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia, Laodicéia), que no final do século I tiveram que enfrentar grandes dificuldades perseguições e tensões também internas no seu testemunho a Cristo. João dirige-se a elas mostrando profunda sensibilidade pastoral em relação aos cristãos perseguidos, que ele exorta a

permanecer firmes na fé e a não se identificarem com o mundo pagão, tão forte. O seu objeto é constituído pela revelação, a partir da morte e ressurreição de Cristo, do sentido da história humana. De fato, a primeira e fundamental visão, de João refere-se à figura do Cordeiro, que é imolado, mas que está de pé (cf. *Ap* 5, 6), colocado no meio do trono onde já está sentado o próprio Deus. Com isto, João quer dizer-nos antes de tudo duas coisas: a primeira é que Jesus, mesmo tendo sido morto com um ato de violência, em vez de cair no chão paradoxalmente está bem firme sobre os seus pés, porque com a ressurreição venceu definitivamente a morte; a outra é que o próprio Jesus, precisamente porque morto e ressuscitado, já é plenamente partícipe do poder real e salvífico do Pai. Esta é a visão fundamental. Jesus, o Filho de Deus, nesta terra é um Cordeiro indefeso, ferido, morto. E, contudo, está

erguido, de pé, está diante do trono de Deus e é partícipe do poder divino. Ele tem nas suas mãos a história do mundo. E assim o Vidente quer dizer-nos: tende confiança em Jesus, não tenhais medo dos poderes contrastantes, da perseguição! O Cordeiro ferido e morto vence! Segui o Cordeiro Jesus, confiai-vos a Jesus, caminhai pelo seu caminho! Mesmo se neste mundo é só um Cordeiro que parece frágil, é Ele o vencedor!

Uma das principais visões do Apocalipse tem por objeto este Cordeiro no ato de abrir um livro, primeiro fechado com sete selos que ninguém tinha sido capaz de abrir. João é inclusive apresentado no gesto de abrir o livro e de o ler (cf. *Ap* 5, 4). A história permanece indecifrável, incompreensível. Ninguém a pode ler. Talvez este pranto de João diante do mistério da história tão obscuro expresse a perturbação das Igrejas asiáticas pelo silêncio de Deus diante

das perseguições a que estavam expostas naquele momento. É uma perturbação na qual se pode refletir bem o nosso horror face às graves dificuldades, incompreensões e hostilidades que também hoje a Igreja sofre em várias partes do mundo. São sofrimentos que a Igreja sem dúvida não merece, assim como o próprio Jesus não mereceu o seu suplício. Contudo eles revelam quer a maldade do homem, quando se abandona às sugestões do mal, quer a orientação superior dos acontecimentos por parte de Deus. Pois bem, só o Cordeiro imolado é capaz de abrir o livro selado e de revelar o seu conteúdo, de dar sentido a esta história aparentemente com tanta frequência absurda. Só Ele pode tirar indicações e ensinamentos para a vida dos cristãos, aos quais a sua vitória sobre a morte traz o anúncio e a garantia da vitória que também eles sem dúvida obterão. Toda a linguagem

intensamente imaginária da qual João se serve oferece este conforto.

No centro das visões que o Apocalipse expõe estão também aquelas muito significativas da Mulher que dá à luz um Filho varão, e a complementar do Dragão precipitado do céu, mas que ainda é muito poderoso. Esta Mulher representa Maria, a Mãe do Redentor, mas representa ao mesmo tempo toda a Igreja, o Povo de Deus de todos os tempos, a Igreja que em todos os tempos, com grande sofrimento, dá à luz Cristo sempre de novo. E está sempre ameaçada pelo poder do Dragão. Parece indefesa, frágil. Mas enquanto está ameaçada, perseguida pelo Dragão está também protegida pela consolação de Deus. E esta Mulher no final vence. O Dragão não vence. Eis a grande profecia deste livro, que nos dá confiança! A Mulher que sofre na história, a Igreja que é perseguida no final torna-se a

Esposa maravilhosa, figura da nova Jerusalém onde não há mais lágrimas nem pranto, imagem do mundo transformado, do novo mundo cuja luz é o próprio Deus, cuja lâmpada é o Cordeiro.

Por este motivo o Apocalipse de João, mesmo estando cheio de referências contínuas a sofrimentos, tribulações e pranto, a face obscura da história está de igual modo repleto de frequentes cantos de louvor, que representam a face luminosa da história. Assim, por exemplo, lê-se nele que uma grande multidão, que canta quase gritando: “Aleluia! O Senhor nosso Deus, o Todo-Poderoso, começou o seu reinado! Alegrem-nos, rejubilemos, dêmos-lhe glória, porque chegou o momento das núpcias do Cordeiro, a sua esposa já está pronta” (Ap 19, 6-7). Estamos diante do típico paradoxo cristão, segundo o qual o sofrimento nunca precipita como última palavra, mas é

visto como ponto de passagem para a felicidade. Aliás, ele mesmo já está misteriosamente cheio da alegria que brota da esperança. Precisamente por isto João, o Vidente de Patmos, pode encerrar o seu livro com uma última aspiração, palpitante de expectativa trepidante. Ela invoca a vinda do Senhor: “Vinde, Senhor Jesus!” (Ap 22, 20). É uma das orações centrais da cristandade nascente, traduzida também por São Paulo na forma aramaica: “*Marana tha*”. E esta oração “Vinde, Senhor Jesus!” (1 Cor 16, 22) tem diversas dimensões. Naturalmente é antes de tudo expectativa da vitória definitiva do Senhor, da nova Jerusalém, do Senhor que vem e transforma o mundo. Mas, ao mesmo tempo, é também oração eucarística: “Vinde Jesus, agora!”. E Jesus vem, antecipa esta sua chegada definitiva. Assim com alegria dizemos ao mesmo tempo: “Vinde agora e de modo definitivo!”. Esta oração tem também

um terceiro significado: “Já viestes, Senhor! Temos a certeza da vossa presença entre nós. É uma experiência jubilosa. “Mas vinde de modo definitivo!”. E assim, com São Paulo, com o Vidente de Patmos, com a cristandade nascente, também nós rezamos: ”Vinde, Jesus! Vinde e transformai o mundo! Vinde já hoje e vença a paz!” Amém.

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/sao-joao-filho-
de-zebedeu-teologo-vidente/
\(24/03/2025\)](https://opusdei.org/pt-br/article/sao-joao-filho-de-zebedeu-teologo-vidente/)